

20 MAI 1999

Saúde agora

20 MAI 1999

JORNAL DO BRASIL

EDSON BUENO*

Sou um otimista por natureza e vocação: essa tendência e minha experiência me infundem a certeza de que o Brasil sairá da crise que agora estamos atravessando, inclusive porque já começam a surgir indícios favoráveis da queda dos juros e um melhor desempenho da nossa economia. Já vivemos outras crises e o país sobreviveu. É óbvio que as empresas sofreram os efeitos da máxidevalorização, tanto mais quando ninguém ignora o peso que os produtos importados têm – a começar pelos custos de produtos cirúrgicos e equipamentos médicos. Além do impacto direto sobre os preços dos importados. Restam ainda os reflexos indiretos da máxi, atingindo os produtos de uma forma ou de outra dependentes dos itens pressionados pela variação cambial, ou obrigando o empresário a fazer repasses para enfrentar o aumento geral dos custos.

Entretanto, todos os empresários precisavam estar conscientes de que há um interes-

se geral em jogo, de que todos estamos no mesmo barco. Nem a elasticidade do poder de compra do consumidor é ilimitada, nem convém a nenhum de nós, do setor de saúde, criar uma situação inviável para a saúde dos brasileiros.

Estamos atentos às recomendações do governo nessa matéria e também à nossa consciência de brasileiros nesta hora difícil. Os repasses dos nossos preços se farão pelos limites mínimos, ao mesmo tempo em que passaremos a recusar os fornecedores que pretendam abusar nos seus reajustes.

Não são os ricos que constituem a frequência básica dos hospitais. É a classe média – a média propriamente dita e a média-alta – e esse setor vem sofrendo uma redução progressiva dos seus ganhos. Estamos atentos para esse fenômeno e, por isso mesmo, procuramos trabalhar no nível das circunstâncias.

Por outro lado, entendo que os apelos de austeridade do governo não devem significar o comportamento recluso do setor, sem

a busca de uma medicina preventiva e de ponta. Pelo contrário, precisamos armazenar e praticar resistências à crise, com atitudes firmes e corajosas.

Os prazeres e as alegrias do prolongamento da vida moderna, sejam num restaurante, num cinema ou num teatro, assumem cada vez mais um caráter compensatório, que resulta em preservar as energias necessárias ao trabalho cotidiano. E os planos de saúde podem e devem ajudar nessa tarefa.

Parece-me equívoco dizer que há um menosprezo da crise no fato de não se investir em qualidade de vida. A ninguém pode interessar que se estabeleça no país um clima de depressão, de desânimo, de tristeza coletiva. E, se nossas empresas continuam saudáveis, investindo em serviços e na melhoria do atendimento aos nossos clientes, isso é sinal de que nosso preço é real, acessível. E deve prosseguir assim, com ou sem máxi.

*Presidente do grupo AMIL